



O inconsciente e suas máscaras

Salomon Resnik, Paris*

Neste trabalho o autor apresenta sua leitura do inconsciente em Freud e sua forma de relacionar inconsciente e corporeidade. Destaca o corpo como sendo o possível portador de diferentes máscaras que representam o inconsciente do indivíduo, ou seja, não concebe a noção de inconsciente sem sua máscara, o corpo. Para o autor, é no sonho e no corpo que o inconsciente se exprime e mostra suas diferentes máscaras.



* Membro da Associação Psicanalítica Argentina.





Introdução

O inconsciente é uma noção complexa, apresentada por vezes de uma maneira confusa, contraditória e aparentemente sem máscara, *acorporal* mesmo. Minha intenção, nesta contribuição, é retomar minha leitura sobre o inconsciente em Freud e ver a relação entre inconsciente e corporeidade, entre seu ser e sua maneira de aparecer.

Freud interessa-se pelo inconsciente e sua presença na história do indivíduo já a partir de seus Estudos sobre a Histeria (Freud, 1893-1895). Ele também reencontra a presença do inconsciente nos atos falhos e sobretudo em “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900).

O inconsciente é, em Freud, uma noção essencial. Em uma carta a seu amigo Fliess, em 7 de julho de 1897 (Freud, 1897, p.258), já o interessam os sentimentos obscuros à consciência, que ele não consegue compreender totalmente. Essa afirmação de Freud lembra a de Leibniz relativa às sensações imperceptíveis e obscuras da consciência. Th. Desdouits diz: “*Se Leibniz é um dos primeiros que insistiram sobre os fenômenos psíquicos inconscientes, não se deveria crer, no entanto, que esses fatos tenham sido sempre desconhecidos antes dele. A teoria da reminiscência em Platão implica uma certa participação da alma humana na verdade divina. A alma concebeu as Idéias em uma vida anterior; ela as esqueceu ao cair na prisão do corpo; ou melhor, ela conservou dessa alma uma lembrança vaga e confusa...*” (Desdouits, 1982).

Poder-se-ia acrescentar que, para Platão, a inspiração poética é uma reminiscência que libera da prisão do corpo.

Aristóteles, ao dizer que o corpo é sinal da existência da alma e que a alma é sinal da existência do corpo, restitui o estatuto do corpo que vive com suas reminiscências. “*A alma é a entelechia do corpo*”, dirá Aristóteles, isto é, por sua atividade, ela possui a vida em potência. A alma pensante é racional, dirá ainda Aristóteles, reconhecendo a existência de uma atividade inconsciente. Freud, em 1923, formula: “*O ego é antes de tudo um ego corporal. Ele não é somente um ego de superfície, mas ele é, ele mesmo, a projeção dessa superfície*” (Freud, 1923). Para E. von Hartmann, a presença do “corpo do inconsciente” é fundamental: “*O inconsciente vive e se exprime sobretudo no sonho*”, diz, inspirado por Kant, “*pode-se ter idéias e não ser consciente delas (...)* A noção de idéia inconsciente é certamente algo de paradoxal para a compreensão ingênua das coisas, mesmo que uma tal compreensão, diz Kant, seja somente aparente” (Hartmann, 1931).

O inconsciente não pode ser concebido a não ser em relação com a idéia de





consciente. Na tomada de consciência do que é reprimido, a psicanálise propõe uma certa cumplicidade entre consciente e inconsciente. O termo consciente, do latim “*consciens*” (derivado do modelo grego *syneidesis*), implica o sentido de partilhar com alguém o conhecimento de alguma coisa, supondo assim confiança e cumplicidade.

Ter consciência de alguma coisa é um saber (“*sapere*” significa ter gosto pelo conhecimento). Com efeito, quando se toma consciência do reprimido após um esclarecimento psicanalítico, tem-se um sentimento de espanto, descobre-se a presença de uma existência que sempre esteve lá, mas negada ou ignorada. A conscientização torna-se uma iluminação, um desvelamento do que era sempre “visível” ou “corporificado” no pensamento e em nossos sentidos, mas tornado invisível (Resnik, 1994) pela negação dos sentidos (fenômeno scópico negativo). O grau de visibilidade ou de invisibilidade vai depender do superego pessoal e cultural. Levar o discurso à luz do dia ou abandoná-lo na escuridão é, pois, uma questão sócio-cultural.

O discurso da consciência luminosa é retomado por Descartes. Ele reivindica, em oposição à escolástica medieval, uma consciência clara e reflexiva bem como o direito do corpo. A idéia cartesiana do corpo corresponde também a uma abertura da consciência que se interroga sobre a presença de uma realidade não necessariamente reflexiva, isto é, pré-reflexiva. O Descartes pós-metódico concede uma grande importância aos sonhos e conta alguns seus: ele passeava pela rua, quando lhe apareceram fantasmas que o assustaram ao ponto de o constrangerem a seguir em sua direção. Mas ele era obrigado a dobrar-se sobre o lado esquerdo, tendo o lado direito muito fraco e sem apoio. Envergonhado de caminhar nessa posição ridícula, fez um esforço para endireitar-se. Mas seus esforços foram inúteis, pois um vento impetuoso o suspendeu e o fez girar três ou quatro vezes sobre o pé esquerdo. Com dificuldade ele conseguiu alcançar a igreja do Colégio da Flecha (onde fizera seus estudos) para aí rezar. Ele estava tão preocupado que não reconheceu a pessoa que vinha saudá-lo. Quis desculpar-se junto a essa pessoa, mas um vento o soergueu novamente, levando-o até a capela. Alguém o chamou além do claustro, dizendo-lhe que tinha alguma coisa para lhe dar de parte de um outro. Descartes pensa que se tratava de um melão proveniente do estrangeiro. Os outros continuavam a caminhar normalmente, e ele curvado. Com um esforço considerável, após uma grande dor no corpo que atribuiu a um gênio maligno, voltou-se sobre o lado direito e dirigiu-se a Deus em uma prece, pedindo-lhe proteção contra todas essas perseguições... (Carta de 10 de novembro de 1619)¹.

1. Relatado por Adrien Baillet em *La vie de Monsieur Descartes*, Paris, 1691.





Salomon Resnik

Descartes recebe um “golpe de verdade inconsciente” que, numa linguagem onírica e corpórea e mesmo enigmática, tenta fazê-lo refletir sobre seu passado, seu presente e seu futuro: o destino de sua vida e suas idéias. Em um outro sonho, ele vê um dicionário e um livro de poemas intitulado *Corpus Poetarum* e ele não consegue encontrar o poema que começa por “é e não”. Descartes recebe uma mensagem fulgurante de seu *inconsciente* que o confronta com seu passado, seu presente e seu futuro. Ele abandona a “verdade” de uma certa ideologia escolástica pelo “é e o não” e abre espaço à capacidade de duvidar de toda verdade - sua dúvida metódica. Tudo isso na linguagem enigmática de seu corpo enlouquecido.

Em carta de 7 de julho de 1897, Freud fala de um sonho interessante e inquietante ao mesmo tempo. Ele se encontrava nu, ou seminu, cercado de estrangeiros e experimentava uma sensação de angústia e vergonha. As pessoas que o cercavam não o viam nu, como no conto de Hans Andersen “A roupa novo do Imperador”. Aqui Freud nos dá uma imagem muito clara do desvelamento do reprimido e da interpretação dos sonhos como pôr a nu o inconsciente, isto é, a intimidade da pessoa. Sua associação com o conto de Andersen do rei nu que os demais vêm vestido é também um exemplo da visibilidade intolerável do inconsciente por parte da consciência moral – o superego.

Na prática psicanalítica, para o paciente e mesmo para o psicanalista, desvelar o que está reprimido ou negado no inconsciente adquire com frequência um caráter de descoberta e de maravilhas: “Como eu não vi isso antes, se era tão claro e visível?”, dirá o paciente em relação a uma certa “verdade” nua, sem defesa, sem roupas. Esse aspecto inspirou-me o livro *A visibilidade do inconsciente* (Resnik, 1994).

Entrar em contato com seu inconsciente era, para Freud, pôr a nu seu ego corporal, fazer associações para conseguir desvelar o conteúdo inconsciente de suas fantasias, o equivalente a se desvestir.

O homem não pode ver-se ele mesmo, e a psicanálise é a prova dessa necessidade. É através da análise da transferência que a pessoa paciente aprende a ver-se ela mesma, do exterior (projetando uma parte de seu ego observador no analista). Eu chamo esse fenômeno adquirir uma perspectiva interior de si mesmo, olhando-se através do outro, um espelho vivo (Resnik, 1999, p.34). “*Olhar-se, ser olhado de maneira compreensiva, desenvolve no paciente a capacidade de insight ou da aquisição de perspectiva interior: tornar visível o inconsciente*”. De corpo a corpo, de máscara à máscara, de olhar em olhar e compartilhando o clima da transferência, a consciência luminosa desvela suas próprias sombras inconscientes... O próprio corpo é realidade animada, *energeia*. Freud gostava muito de falar de energia e de força do inconsciente nos seus primeiros trabalhos. O próprio corpo e suas diferentes manei-





ras de aparecer (suas máscaras) fazem parte do mundo como o coração de um organismo, sugere Maurice Merleau-Ponty (1979).

Clínica do inconsciente

Samuel, um paciente esquizofrênico, em análise comigo há quatro anos, que vejo cinco vezes por semana, sonhou que via o prédio da Pirelli, em Milão, destruído por um avião. Evidentemente ele o associa a um acontecimento real nessa cidade, em que um aviador, aparentemente deprimido, em aflição, se suicidou esfacelando uma construção provavelmente admirada e certamente odiada por ele. O paciente associa esse sonho a seu desejo ambivalente de curar-se. Por um lado, ele gostaria de se ligar de novo à vida, mas, por outro, toda sua construção delirante (seu corpo “delirante”) está em perigo de se fragmentar por um choque catastrófico com o princípio de realidade. Reencontrar seu “verdadeiro” ego corporal, sua máscara, significa também negar o personagem que ele criou. O “é e não” cartesiano aparece em Samuel sob a forma de ambivalência quanto às duas ideologias e às duas imagens do corpo vivido, a delirante e a realidade cotidiana. Curar-se é, ao mesmo tempo, uma ferida narcísica em seu personagem delirado e delirante. Assim, coloca-se seu dilema entre suas aparências corporais, seja em seu sistema delirante em perigo de se afundar, seja na redescoberta e reencontros de seu “verdadeiro self”. Coloca-se seu desejo ou não de reconciliação com o princípio de realidade. Curar-se equivale a estilhaçar o edifício megalomaniaco que fazia parte de sua corporalidade imaginária psicótica. Para seu ego delirante, curar-se era também suicidar-se, para seu ego não delirante ou normal era renascer, reencontrar sua identidade.

Com efeito, na sessão seguinte, ele teve um sentimento de desvelamento em sua alucinação onírica, como se se lembrasse de seu nascimento. Ele se via a si mesmo, com uma espécie de hiper-realismo plástico, em um lavabo do quarto onde nasceu, após o corte do cordão umbilical. Via o leito materno vazio e descobria sua mãe de pé, ao lado da avó e de uma tia. Elas olhavam com admiração o maravilhoso bebê em uma espécie de lavabo/berço. Vendo um desenho que ele fez desse sonho, eu descobri, e ele também, que o recém-nascido estava sobre um lavabo/gôndola.

A primeira vez que encontrei com ele, quando do nascimento da transferência, foi em meu estúdio em Veneza. A “paisagem” de nosso primeiro encontro permanecia impressa em seu inconsciente, mesmo com as cenas seguintes tendo ocorrido em Paris. Em um certo momento, eu lhe disse que a gôndola em um grande lavabo era uma boa definição metafórica de sua Veneza. O corte penoso do cordão umbilical era uma maneira de se separar da construção delirante vivida como uma perda, uma





Salomon Resnik

mudança catastrófica em seu processo psicanalítico – *catastrophic change* segundo Bion (1970, p.92).

Freud mesmo assinalara freqüentemente o parentesco íntimo entre sonho, alucinação e delírio, título de um capítulo de meu livro *A encenação do sonho* (Resnik, 1984, p.149).

Para Freud, explorar um sonho era uma espécie de aventura magnífica, por vezes espantosa e angustiante. Interpretar um sonho é um modo de desmascarar a consciência da vigília e de tornar visível a presença do inconsciente. Isso significa entrar em um universo onírico, complexo e sugestivo.

Freud utilizou o termo inconsciente já em seu artigo “Projeto para uma psicologia científica” (1895): “*O que aparece no sonho e se torna consciente não são sempre associações... Por vezes se trata de pontos (ou de fragmentos) separados. Entre esses pontos ou fragmentos há sempre um laço inconsciente, laço que se pode descobrir em parte no momento de despertar*” (Freud, 1895, p.341). Pode-se dizer, também, que, entre associações, discussões e rupturas, o inconsciente onírico pede uma leitura, isto é, pede, no analista, uma formação na interpretação dos sonhos.

Sabe-se que Freud, através do “Projeto”, queria *casar* a psicanálise em estado nascente com a fisiologia e a psicopatologia médica. Era uma maneira de dar corpo a sua futura ciência e de dar forma científica e sentido compreensível ao inconsciente. Freud dizia ainda, a propósito do inconsciente, “*O que aparece à consciência só revela certos aspectos de sua existência*”. Com efeito, o inconsciente existe e constitui uma vasta realidade. Na “matéria” do inconsciente moram pulsões arcaicas e atuais que ainda não têm nome. Ele sugere, assim, uma presença filogenética e ontogenética da matéria viva que fala uma linguagem arcaica, enigmática e atual. Psicanalisar, ser psicanalisado, tornar-se psicanalista significa familiarizar-se com essa linguagem primordial. Freud sugere, ainda, a idéia de “forças obscuras” provenientes das profundezas da psique (comparadas ao diabo no sonho da sonata de Tartini, 1899). É sobretudo a partir de “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900) que se coloca a busca do inconsciente como interlocutor principal da consciência vital. É no sonho que o inconsciente se exprime e mostra suas diferentes máscaras.

A leitura do conteúdo manifesto do sonho é uma leitura de uma máscara. Trata-se de uma espécie de leitura fisionômica, parafraseando Lavater, que nos permite, por vezes, entrar em contato com o conteúdo latente do sonho, o outro lado da máscara. Mas o que é latente já está presente, de um certo modo, na máscara manifesta do sonho.

A máscara do sonho é uma presença complexa, múltipla e sempre animada. Pode-se, também, falar de um imaginário inconsciente que inspira ou é inspirado pelo autor do sonho, assim como o que concerne a seus personagens. A idéia de





encenação do sonho inspirou-me o título de meu livro, considerando que o que conta é a dramatização espontânea daquele que narra o sonho a seu interlocutor “oniromante” (Resnik, 1984). Meu analista pessoal, em Londres, Herbert Rosenfeld, era um excelente interlocutor e co-ator. Ele tinha um modo particular, nas suas interpretações, de se identificar com certos personagens do sonho e, por momentos, representava seus papéis em uma transferência lúdico-onírica. Na segunda edição de meu livro dos sonhos a ele dedicada, esse aspecto é desenvolvido.

O pensamento onírico inspira-se em suas lembranças diurnas e noturnas para dramatizar suas vocações, suas intuições e suas preocupações na cena do sonho. Através das máscaras do sonho, o inconsciente comercia sempre com a realidade presente e atual. Não somente o sonho, mas também os atos falhos e todos os atos espontâneos do ego corporal, da pessoa, denotam a presença viva e coloquial do inconsciente.

Freud fala da justificação do inconsciente (Freud, 1915): “*A hipótese do inconsciente é necessária e legítima*”, diz, “*e nós possuímos múltiplas provas de sua existência*”. Freud interessa-se, nesse artigo, pela atividade anímica do inconsciente e pelo seu modo de ação na alma (Seele, Geist ou Psyche) e é curioso que Freud fale da alma a propósito da ação e não explicitamente do corpo.

A partir do “Projeto”, no qual tenta reunir a teoria do inconsciente com a neurologia e a idéia de organismo, sua posição em relação a um casamento possível entre a alma e o corpo permanece ambígua. Mas assim mesmo ele se refere à natureza e a seus habitantes, portanto aos animais (portanto ao homem), às plantas, ao inanimado da paisagem e ao conjunto do mundo... (Freud, 1895, p.208). Depois ele falará, de modo crítico, de uma certa utilização mística do inconsciente, referindo-se provavelmente a Jung.

O inconsciente e a matéria

Em um livro científico, o autor, Brian Greene (Greene, 2000), retoma a teoria dos gregos dos átomos para falar dos pontos/partículas (partículas elementares) caracterizadas por uma espécie de “vida” da matéria inanimada. Ele faz referência a movimentos oscilatórios cíclicos da matéria que provocam um som particular e específico para cada espécime, “*effect string*”. O autor menciona uma espécie de música da matéria que caracteriza a “vida” das estruturas elementares como uma antiga linguagem de toda natureza material. Tratar-se-ia, segundo ele, de uma ressonância substancial produzida por cada natureza (Greene, 2000, p.141-147). Finalmente Greene fala da noção de energia à qual Freud era muito ligado. Planck, falando a respeito da massa de um grão de poeira, sugere também a idéia de uma propriedade vivente da





energia da massa (Greene, 2000, p.149). Freud interessa-se pelos limites entre o inanimado e o animado e entre a vida e a morte.

Freud, com seu passado científico próximo de Maynert e da filosofia da ciência de Brucke, tivera antes a vocação para encontrar o Graal científico da psicanálise e da noção de inconsciente. Ele menciona os estados latentes da vida da alma, o que parece em si mesmo uma linguagem mística, mesmo sendo crítico, mais uma vez, da utilização religiosa da noção de inconsciente.

Ele se refere, sempre em seu artigo sobre o inconsciente de 1915, a um sistema inconsciente e a um sistema consciente e mesmo a uma mediação ou ponte possível que ele chama pré-consciente. Com frequência aparece sua ideologia médica positivista, sobretudo quando ele trata da relação do aparelho psíquico com a anatomia, concretamente, da atividade ligada à função do cérebro. Não se deve esquecer que a tese médica de Freud, de 1891, sobre as afasias é preliminar a todos seus estudos acerca da psicanálise. Na época, ele se interessava pelas idéias de John Stuart Mill e de Hughlings Jackson. A noção de sistema e estrutura do aparelho psíquico sempre o interessara; em minha opinião, tratava-se de uma maneira de dar forma e corpo ao inconsciente. Nesse mesmo artigo, ele menciona as inscrições no inconsciente como se se tratasse de fatos ou de acontecimentos que tinham deixado suas marcas “anatômicas” no encéfalo, o que implica uma espécie de arqueologia do inconsciente. Toda leitura da linguagem inconsciente é uma espécie de busca arqueológica. Certamente uma arqueologia do presente na transferência. Uma tal leitura é sempre uma experiência inspirada e afetiva: a arte da interpretação ou hermenêutica onírica.

O mundo do inconsciente

Sempre no mesmo texto, Freud trata de sentimentos inconscientes. Ele faz referências também a conceitos tais como culpabilidade inconsciente, angústia inconsciente e, certamente, presença da pulsão. Ainda nesse artigo, ele retoma a idéia de uma representação inconsciente das coisas e dos afetos bem como de sua relação com a repressão e de suas implicações nos sistemas *Ics* e *Cs*. O que é reprimido no *Cs* permanece capaz de ação. A idéia de ação, em termos de organismo e de corpos, remete aos fenômenos de conversão e somatização. Será que a conversão é uma passagem ao ato no corpo?

A noção de investimento, para Freud, refere-se às partes do corpo anatômico e fisiológico bem como à transferência.

Melanie Klein, em seu artigo “As origens da transferência” (Klein, 1952, p.204), começa por dizer que a transferência opera ao longo de toda a vida e influen-





cia todas as relações humanas; ela também assinala que a primeira forma de ansiedade é de natureza persecutória. O trabalho interior de um instinto de morte dirigido, segundo Freud, contra o organismo suscita o medo do aniquilamento. Esses sentimentos persecutórios endógenos são intensificados por experiências exteriores penosas. Mas, para Melanie Klein, só há ansiedades persecutórias. No início da vida, a criança, graças à cisão do ego (posição esquizoparanóide), dirige também seus sentimentos de satisfação e de amor para o “seio bom” (ou a boa experiência)... A noção de mundo interno é muito bem descrita por Melanie Klein (Klein, 1935, 1946) e Paula Heimann: a primeira a define como um conjunto conglomerado de formas “vivas” (habitantes imaginários) que constituem uma realidade em si, produtos do contato, do “comércio” com o mundo que nos cerca. Mundo interno e mundo externo fazem parte do universo único do sujeito. De acordo com Melanie Klein, as fantasias inconscientes são vividas como objetos parciais ou totais que têm relações entre eles e com o ego. Nós os sentimos como vivos e ativos em nós mesmos. O problema é que o termo objeto usado por Melanie Klein sugere que o imaginário poderia ser concebido como *coisificado*. Ela, pessoalmente, confessou-me não se sentir muito feliz com o termo objeto; queria significar uma forma objetual, boa ou perseguidora, no imaginário inconsciente. Segundo Paula Heimann (Heimann, 1952), as fantasias do mundo interior não são separáveis das do mundo exterior e é a limitação de nossa capacidade descritiva que as faz aparecer como duas entidades diferentes que se influenciam reciprocamente.

Cito Melanie Klein, completando Freud, para assinalar minha posição pessoal de psicanalista em relação à noção de inconsciente. Do mesmo modo, a noção de mundo interno deve completar a de inconsciente. O mundo interno é, para ela, “um espaço do corpo e do pensamento” (consciente/inconsciente) ocupado por “seres” fantasiosos, representantes imaginários inconscientes e, ao mesmo tempo, reais em sua relação com o mundo. O objeto interno é uma realidade mental que representa ou simboliza um personagem do mundo (pai, mãe, etc.). O superego, para Melanie Klein, é também um objeto interiorizado particular com funções específicas. Não será essa função educativa ou moral que transforma o objeto interno em superegótico?

Em oposição a uma psicologia do comportamento e a uma psiquiatria descritiva, Freud introduz uma dimensão interior que Melanie Klein concebe também como viva e em movimento. O objeto interiorizado e o superego não são instâncias estáticas, assim como não o são o ego e o id; mas, entre eles, eles representam uma verdadeira comunidade de trocas, um espaço de vida em estado de transformação.





Discussão

Pessoalmente, interesse-me pela aplicação clínica da teoria de Freud sobre o aparelho psíquico e suas implicações no processo psicanalítico. O bom encaminhamento do processo psicanalítico caracteriza-se por modificações de estados possíveis seja no plano tópico e dinâmico da repressão, seja no plano dos fenômenos projetivos e introjetivos. O que conta na transferência, segundo Freud, é o comércio entre os dois sistemas *inconsciente/consciente* através da mediação do pré-consciente.

Na última parte do escrito de Freud (1915), ele se refere à identificação do inconsciente (*Agnoszierung*); explica que uma pesquisa aprofundada sobre a psicose narcísica promete nos proporcionar novos conceitos ou esclarecimentos relativos ao aspecto enigmático do inconsciente. Freud coloca-se, então, o problema do modo de identificar especificamente o que é inconsciente, ou, mais ainda, o que pode ser a linguagem do inconsciente.

Freud se interessa particularmente pelas idéias de Karl Abraham (1908) a propósito da esquizofrenia descrita por Bleuler. Retoma, assim, seu interesse pela neurose narcísica e suas possibilidades de transferência.

Melanie Klein comenta a dificuldade de reprimir, para o psicótico, sua tendência a projeções *sui generis* (identificações projetivas patológicas), pois seu ego é demasiado frágil. Tratar-se-ia também de uma fuga ou de uma espécie de fobia em relação ao próprio ego e a seu mundo interno. Samuel, o paciente antes mencionado, disse-me um dia com espanto: “Você sabe, minhas alucinações eram antigamente pensamentos”. Tratava-se, provavelmente, de pensamentos persecutórios e intoleráveis. Em um certo momento, durante uma sessão, Samuel começa a sair do seu estado de negativismo afetivo e social e traduz seu sofrimento. Ele se coloca problemas existenciais tais, que se pergunta se a vida vale a pena ser vivida; chega ao ponto de me perguntar se a eutanásia não se justifica no seu caso. A tomada de contato com seus próprios sentimentos de vida e de morte (Eros e Tanatos) torna-se intolerável. Um retorno à vida era, pois, uma carga demasiada pesada a assumir. Seu desligamento afetivo tinha lhe servido de anestésico, às vezes, à dor, mas também ao “prazer intolerável” de viver.

Eu encontrei nos psicóticos crônicos um medo global para com tudo, inclusive para a alegria. Alegria e brincar são fenômenos muito ligados: a capacidade de brincar na vida está ligada à capacidade de dar e receber. Na base desse comércio afetivo e econômico, coloca-se a disponibilidade ou não para o brincar e suas regras de troca: uma ética a respeitar e a partilhar.





Metáforas do inconsciente

Certo dia, durante um seminário em Paris (em 10 de julho de 1978), que Bion e eu realizamos, perguntei-lhe o que era o inconsciente para ele e ele me respondeu: *“O inconsciente é uma noção com freqüência mistificada, considerada irreal e imaterial, enquanto que, para mim, o inconsciente existe e ele é real e vivo como uma árvore. A globalidade da árvore não se constitui somente daquilo que aparece ao observador, mas essa globalidade inclui o que se esconde na terra: suas raízes”* (Resnik, 1979).

O inconsciente para Bion é substancial e total, fazendo parte da realidade formal e substancial da árvore da vida. Mas perguntar-se qual é a realidade da árvore da vida pode significar, também, perguntar-se qual é a realidade do inconsciente, quais são suas raízes e suas ramificações.

Pessoalmente, não posso conceber a noção de inconsciente sem sua máscara: o corpo.

O inconsciente, a pessoa e suas máscaras

O título “O inconsciente e suas máscaras” remete à imagem de corpo e à noção de pessoa em nossa cultura. É interessante notar que a palavra latina *persona*, derivada do etrusco *phersu*, significa propriamente “máscara de teatro”, depois “personagem”. *Phersu* corresponde ao grego *prosopeion* (máscara): a máscara da pessoa (*prosopon*). A máscara liga-se à pessoa como a sombra ao corpo. Não se poderia falar do inconsciente como da realidade sombreada do corpo vivo? Ou o inconsciente em si mesmo é a expressão corporificada dessa matéria sombreada fundamental?

A sombra do corpo, as máscaras do corpo, ou as diferentes maneiras de aparecer nu ou “fantasiado” vão definir o personagem que representa a pessoa. Normalmente há uma certa coerência entre o ou os personagens e a pessoa. O psicótico, com freqüência, é um personagem dissociado de sua pessoa. Ele pode mesmo aparecer diferente cada vez, em função da ideologia delirante que o domina nesse momento; trata-se de uma realidade caleidoscópica discordante e desarmoniosa. A pessoa criativa, essa tem uma certa plasticidade do ego que lhe permite viver a multiplicidade de suas fantasias e de suas intuições, sem perder a identidade de pessoa.

Antonin Artaud (1964) diz: *“A máscara liga-se à pessoa como a sombra ao corpo. A sombra do corpo, a máscara do corpo, a ‘fantasia’ dá a cada ator como que um duplo corpo, duplos membros e, em sua fantasia, o artista, metido nela, parece ser, mesmo para ele, nada mais que sua própria ‘efígie’ (...).”* Mas é sempre o in-





consciente, por vezes consciente dele mesmo, que fala através da pessoa.

O inconsciente investe a vida interior e exterior através de suas projeções intencionais. Em toda relação humana há um discurso que se prolonga, que se materializa de inconsciente a inconsciente através do corpo e suas “emanações”. A atmosfera de toda relação, e sobretudo a da transferência psicanalítica, traduz-se por uma semântica climática: *Stimmung*. Em *Stimmung* há *Stimme*: a voz. O psicanalista torna-se, desse modo, uma espécie de afinador de um instrumento muito delicado: o aparelho psíquico, que não se encontra bem afinado, nem sempre em harmonia entre seu ser e sua maneira de parecer.

Inconsciente, fantasia e criatividade

Sobre as implicações entre música e inconsciente, há esta lembrança de Wagner para com Veneza: “*Em uma noite de insônia em Veneza, eu me pus ao balcão de minha janela acima do Grande Canal. Como um sonho profundo, a cidade fantástica das lagunas estendia-se na sombra diante de mim. Do silêncio mais absoluto elevou-se o chamado queixoso e rouco de um gondoleiro que acabara de despertar em sua barca. Ele chamou diversas vezes, até que, de bem longe, o mesmo chamado lento lhe respondeu ao longo do canal noturno: eu reconheci a velha frase melódica dolorosa sobre a qual o Tasso tinha escrito os versos conhecidos, frase velha de séculos e certamente anterior aos canais de Veneza e a sua população. Após pausas solenes, esse diálogo de sonoridades longínquas animou-se enfim e pareceu se fundir em um uníssono, depois, perto e longe, o sono tendo retomado seu império, os sons extinguiram-se. O que me poderia dizer dela, à luz do sol, a Veneza formigante e variegada, que esse sonho noturno e sonoro não carregasse com infinitamente mais intensidade às regiões profundas de minha consciência?*” (Baizallas, 1908).

Essa citação de Baizallas sobre Wagner aparece como uma verificação da presença do inconsciente na inspiração contemplativa do artista. É precisamente o artista que reencontra sua música interior em contraponto com o ritmo musical da cidade.

O conhecimento exterior, o tempo e o espaço, a estética do ambiente são sempre afetados pelo impacto das projeções inconscientes. Na experiência estética dá-se o encontro entre duas paisagens: a do mundo interno e a do mundo externo. No artista inspirado, a emoção aparece freqüentemente como inquietante e sugestiva. O espírito do artista e do músico, no caso de Wagner, vai encontrar, através do sonho e da *rêverie* de suas contemplações, sentimentos específicos que variam, seguidamente, do grito, do sofrimento ao canto e da pulsão de morte à alegria de viver. É a relação de jogo com o inesperado, a *inquietante estranheza* (Freud, 1919, p.217) que caracteriza





todo sentimento de descoberta. A aproximação espontânea, ou fundamentalmente inconsciente da vida, permite olhar a vida cotidiana como uma aventura infinita.

Raymond Lulle, o poeta cabalista de Maiorca, no século XIII, reata a idéia da árvore à alquimia e à astrologia. Ele estabelece um vínculo entre o espírito dos metais e o espírito das estrelas. A alquimia é a metáfora por excelência para nos dar uma imagem viva do inconsciente como matéria em estado permanente de transformação e de metamorfose.

É a transformação seletiva do inconsciente para a consciência e o retorno do reprimido, assim como o desenvolvimento de uma hermenêutica adequada e pessoal que me interessam em minha aventura de psicanalista. Em outros termos, considerando meu interesse pela linguagem do corpo e a linguagem do sonho, o que me fascina é desmascarar, com o paciente, as mil formas de ser e de parecer da dimensão inconsciente de nossa existência.

Conclusão

O título “O inconsciente e suas máscaras” é uma maneira de personificar e materializar uma concepção com frequência considerada abstratamente. Em todo caso, Eduard von Hartmann, já citado neste texto, privilegia filosoficamente a idéia de organismo e a noção de corporeidade como constitutiva de uma constituição global de um inconsciente vivo.

Eu escrevi vários trabalhos sobre a noção de inconsciente que cito ao longo desta nova contribuição e estou certo de não me deter por aqui.

A experiência psicanalítica é uma busca da visibilidade do inconsciente para tornar perceptível o que está “lá”, porém negado pelo ego, negado pela memória, essa outra memória que Freud pôs em evidência sob a forma do reprimido e dos traços mnemônicos.

Eu ainda queria dar, através desta contribuição, uma imagem viva, clínica e criativa de meu trabalho sobre o inconsciente na prática psicanalítica. Conceber a experiência psicanalítica como um campo antropológico e arqueológico é sempre estimulante para mim; seu horizonte aparece cada vez mais vasto. Ele nos convida a utilizarmos nosso mundo fantasioso e nossa intuição na floresta do inconsciente, como o faz o poeta, logo que descobre suas metáforas e as torna “visíveis”.

O tema do inconsciente encontra-se na base do pensamento de Freud e sempre, em meu caso, me interessou e estimulou a escrever. Eis aqui um testemunho condensado de minhas últimas idéias sobre esse tema. □





Salomon Resnik

Abstract

In this article, the author presents his interpretation of the unconscious in Freud and his proposal of relating the unconscious and the body. He focus on the body as the possible carrier of different masks that represent the individual's unconscious, that means he does not conceive the notion of unconscious without its mask, the body. In the author's opinion, the unconscious expresses itself and shows its different masks in the dream and in the body.

Resumen

En este trabajo, el autor presenta su lectura del inconsciente en Freud y su forma de relacionar inconsciente y corporalidad. Apunta el cuerpo como siendo el posible portador de diferentes máscaras que representan el inconsciente del individuo, o sea, no concibe la noción de inconsciente sin su máscara, el cuerpo. Según el autor, es en el sueño y en el cuerpo que el inconsciente se exprime y muestra sus diferentes máscaras.

Referências

- ABRAHAM, K. (1908). Les différences psychosexuelles entre l'hystérie et la démence précoce. In: *Ouvres complètes*, Tome I. Paris: Payot, 1965.
- ARISTOTE. *Metaphysics*. Everyman Library. London: Dent & Sons, 1961.
- ARTAUD, A. (1964). Le Théâtre et son double In: *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard.
- BAIZALLAS, A. (1908). *Musique et inconscience*. Paris: Felix Alcan.
- BION, W.R. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock, p.92.
- DESDOITS, Th. (1892). *La Philosophie de l'inconscient*. Paris: A. Roger et F. Chernoviz.
- FREUD, S. (1893-1895). Studies in Hysteria. In: *Standard Edition*, v.2, London: The Hogarth Press, 1962.
- . (1895). Project for a scientific psychology. In: *Standard Edition*, v.1. London: The Hogarth Press, 1966.
- . (1897). Extract from the Fliess Papers, Letter 66. In: *Standard Edition*, v.1. London: The Hogarth Press, 1966, p 258.
- . (1900). The Interpretation of Dreams. In: *Standard Edition*, v.4-5. London: The Hogarth Press, 1958.
- . (1915). L'inconscient. *Œuvres Complètes*, v.13. Paris: PUF, 1988.
- . (1919). The Uncanny. In: *Standard Edition*, v.17. London: The Hogarth Press, 1957, p 217.
- . (1923). The Ego and the Id. In: *Standard Edition*, v.19. London: The Hogarth Press, 1962, p.3-66.
- GREENE, B. (2000). *The Elegant Universe*. London: Vintage, 2000.





- HARTMANN, E. von. (1931). *Philosophy of the unconscious*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner and Co.
- HEIMANN, P. (1952). *Certaines fonctions de l'introjection et de la projection dans la première enfance*. Paris: PUF, 1995.
- KLEIN, M. (1935). *Contribution à l'étude de la psychogénèse des états maniaco-dépressifs*. Paris: Payot, 1989.
- . (1946). *Notes sur les mécanismes schizoïdes*. Paris: PUF, 1995.
- . (1952). Les origines du transfert. *Revue Française de Psychanalyse*, N. 1-2, Tome XVI, p.204.
- MERLEAU-PONTY, M. (1979). *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard.
- RESNIK S. (1979). Inconscio. In: *Enciclopedia Einaudi VII*. Torino: Einaudi, 1979.
- . (1984). *La mise en scène du rêve*. Paris: Payot.
- . (1994). *La visibilité de l'inconscience*. Castrovillari: Teda Edizione, (CS).
- . (1999). *Personne et Psychose*. Larmor Plage: Éditions du Hublot, p.34.

Recebido em 06/11/2003
Aprovado em 19/11/2003

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**
Revisão técnica de **Luciane Falcão**

Salomón Resnik
20 rue Bonaparte,
75006 – Paris – França

© Revista de Psicanálise – SPPA

